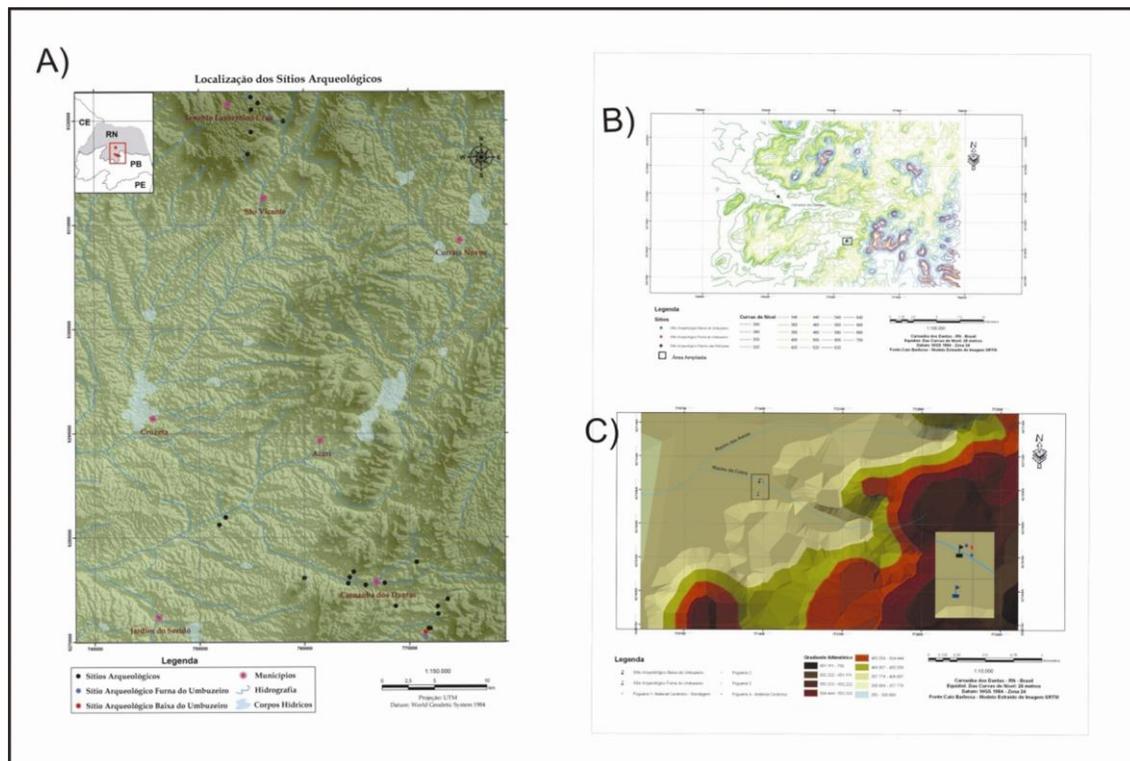


# OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS FURNA DO UMBUZEIRO E BAIXA DO UMBUZEIRO: CARACTERIZAÇÃO DE UM PADRÃO DE ASSENTAMENTO NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ – CARNAÚBA DOS DANTAS - RN, BRASIL.

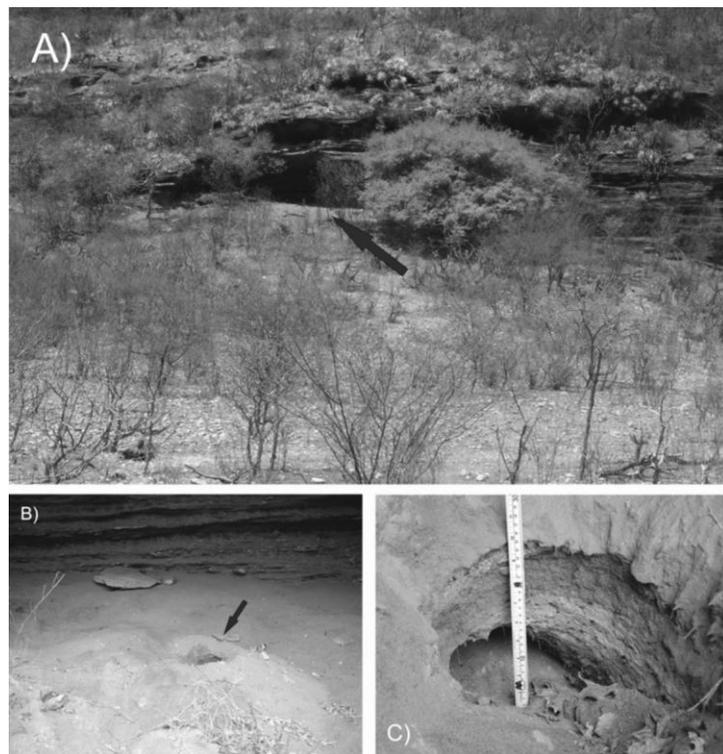
**Fabio Mafra Borges**

## INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta os resultados da análise de dois sítios, localizados no Município de Carnaúba dos Dantas – RN, na área arqueológica do Seridó: o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro e o sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro (Borges, 2008). Ambos encontram-se na localidade do Lajedo, na margem esquerda do Riacho da Areia, em um vale em forma de “U” (figura 01). O sítio Furna do Umbuzeiro caracteriza-se como um abrigo sob-rocha, localizado no sopé da Serra Nova (figura 02). Apresentou um pacote sedimentar passível de escavação, no qual foram identificadas estruturas de combustão, associadas a uma baixa densidade de vestígios arqueológicos, como: fragmentos de material cerâmico e lítico, restos vegetais, fragmentos ósseos animais e humanos, associados às estruturas de combustão escavadas. Entretanto, nas suas paredes não foi registrado nenhum vestígio de atividade gráfica (Martin *et alli*, 2008). A cronologia obtida no sítio, que teve um alcance temporal de  $\pm 2480$  anos, como pode ser visto na Tabela 01.



**Figura 01:** Mapas de localização dos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro. A) Localização dos sítios no sistema hidrográfico; B) Localização dos sítios no vale do R. Carnaúba; Localização dos sítios no vale do Riacho das Areias. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Caio Barbosa, modelo extraído de imagens SRTM.



**Figura 02:** A) Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro: vista-geral do abrigo sob-rocha; B) Vista-geral da área abrigada do Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro; C) Detalhe da perturbação estratigráfica. Carnaúba dos Dantas – RN, Brasil. Fonte: Fotos do autor.

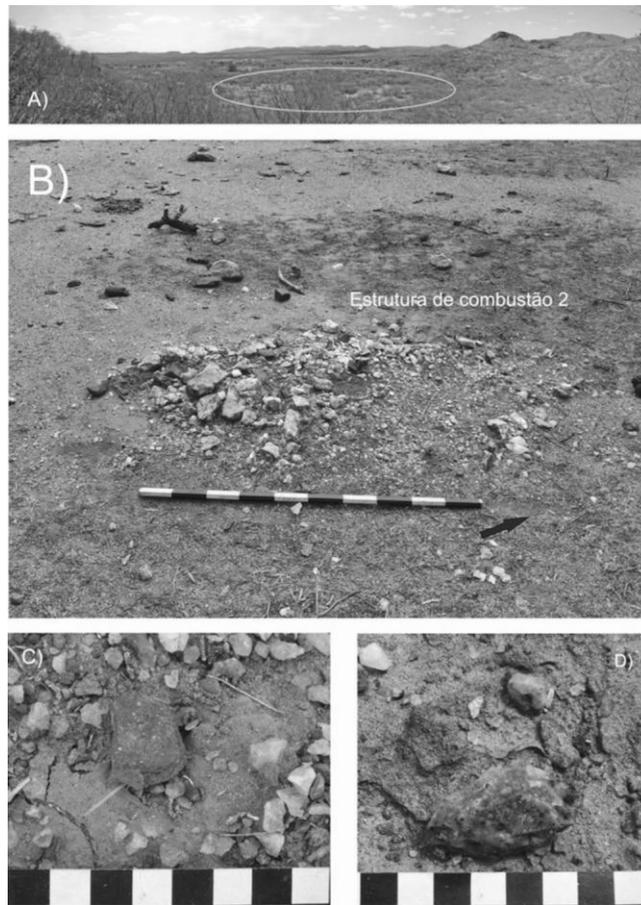
**Tabela 1**

(Tabela com a crono-estratigrafia definida para o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Laboratório de Geocronologia do Instituto de Química Física “Rocasolano”.)

REFERENCIA	DECAPAGEM E QUADRÍCULA	CÓDIGO LABORATORIO	EDAD C-14 CONVENCIONAL (años BP)	EDAD CALIBRADA (años cal BP)
ET 244 – PT	DECAPAGEM	CSIC-2097	3630 ± 32	3980 – 3810

449	9 (45 cm) Quadrícula I3			(82,4%) 3800 – 3720 (13,0%)
ET 259 – PT 446	DECAPEGEM 9 (45 cm) Quadrícula I3	CSIC-2143	3170 ± 40	3450 – 3210 (95,4%)
ET 177 – PT 387	DECAPAGEM 6 (30 cm) Quadrícula I3	CSIC-2148	2804 ± 40	2950 – 2760 (95,4%)
ET 146 – PT 378	DECAPAGEM 5 (25 cm) Quadrícula I3	CSIC-2098	2666 ± 30	2800 – 2700 (90,1%) 2640 – 2610 (4,1%) 2580 – 2540 (1,3%)
ET 64 – PT 230	DECAPAGEM 1 (5 cm) Quadrícula I3	CSIC-2210	1775 ± 31	1710 – 1540 (95,4%)
ET 63 – PT 229	DECAPAGEM 1 (5 cm) Quadrícula I3	CSIC-2093	1316 ± 28	1290 – 1080 (95,4%)
ET 216 – PT 231	DECAPAGEM 1 (5 cm) Quadrícula I4	CSIC-2094	1315 ± 28	1290 – 1080 (95,4%)

Já o sítio Baixa do Umbuzeiro, localizado a ± 200m do abrigo da Furna do Umbuzeiro, próximo da margem do Riacho das Areias, caracteriza-se como um sítio a céu aberto, no qual foram identificadas concentrações circulares de quartzo, com nítidos sinais de alteração por calor (pirofraturas), dispostas de maneira organizada no terreno e associadas a fragmentos de material lítico e cerâmico superficial (figura 03). A disposição espacial dessas estruturas e suas características formais sugeriram que as mesmas tinham origem antrópica, apesar de todo o terreno apresentar afloramentos dos mesmos quartzos leitosos (Martin *etalli*, 2008).



**Figura 03:** A) Vista-geral do Vale do Riacho da Cobra, onde se vê delimitada em amarelo a área estimada do sítio Baixa do Umbuzeiro; B) Concentração de quartzos pirofraturados; C) Material Arqueológico: fragmento cerâmico; D) Material arqueológico: material lítico. Carnaúba dos Dantas – RN, Brasil. Fonte: Fotos do autor.

A cronologia estabelecida para o sítio foi obtida através da realização de dois métodos de datação: a Termoluminescência (TL) e a Luminescência Ópticamente Estimulada (LOE). Estes métodos foram aplicados em amostras de sedimentos coletados na estrutura de combustão escavada, a fogueira 1, a qual não apresentou fragmentos de carvão sob a camada de quartzos pirofraturados. Assim, não foi possível a realização de datações radiocarbônicas. Entretanto, a aplicação dos métodos citados permitiu a determinação de duas datas convergentes, que por sua vez demonstraram a legitimidade dos resultados. Logo, a cronologia estabelecida para o

assentamento a céu aberto foi de  $3761 \pm 811$  A. P., o que relacionou a estrutura escavada às últimas datas obtidas no sítio Furna do Umbuzeiro.

Por estes motivos, os sítios foram selecionados para análise, visando identificar um padrão de assentamento não registrado na área arqueológica do Seridó: sítios do tipo habitacional. Os tipos de vestígios identificados indicam uma cronologia relacionada ao surgimento e dispersão da tecnologia cerâmica, sugerindo a relação desses sítios com os grupos indígenas que habitaram a região do Seridó, no século XVII: os Tarairiú. Neste sentido, procurou-se identificar tanto uma área habitacional, como também a possibilidade de uma identificação cultural para os sítios registrados (Borges, 2008).

As análises realizadas tiveram como objetivos a identificação desse padrão de assentamento e a relação da cultura material registrada a um grupo etnohistórico, que habitou o Seridó há mais de 7000 A.P., segundo dados linguísticos (Urban, 1998), até o século XVII: os Tarairiú (Medeiros Filho, 1984; Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Medeiros, 2002; Pompa, 2003; Santos Júnior, 2008). Isto foi possível mediante a identificação de uma relação espacial verificada nos dados etnohistóricos e no registro arqueológico da área do Seridó.

## METODOLOGIA

Foi necessário definir alguns conceitos-chave que permitiram a verificação das hipóteses. Como consiste em uma categoria de entrada, precisa-se definir o conceito de área arqueológica. Este descreve um espaço com características geoambientais uniformes, com limites flexíveis, onde foram registrados sítios arqueológicos com tipologias diversificadas e relacionados a culturas distintas. Com o desenvolvimento das pesquisas e a definição de fronteiras culturais e cronológicas, o conceito aplicado denomina-se enclave pré-histórico, que diferente da área arqueológica apresenta limites culturais definidos, abrangendo ambientes geomorfologicamente variados (Martin, 2008).

Ambos os conceitos são herdeiros de uma tradição arqueológica de análise espacial e sistêmica, que possui como conceito-chave, o termo **padrão de assentamento**. Este compreende as escolhas culturais que determinam a distribuição e a relação espacial dos vestígios, das estruturas e dos sítios arqueológicos, e permite inferências de nível funcional para os assentamentos em análise.

Atualmente, refinando as classificações propostas pelo PRONAPA para a cerâmica guarani, Francisco Noelli (1993) desenvolveu o conceito de **território de domínio**. Utilizado pela primeira vez por Scatamacchia (1990) com o nome de **território de domínio tribal**, procura definir o padrão de deslocamento espacial, de um determinado grupo, ao longo do ciclo anual.

No entanto, a utilização desse conceito em contextos com poucas ou sem nenhuma referência histórica apresenta algumas fragilidades. Principalmente, quando o objeto de estudo se restringe a cultura material vestigial, a qual apresenta lacunas impossíveis de serem preenchidas com a metodologia das Humanidades. A própria construção do pensamento humanístico apresenta ambiguidades inerentes ao seu objeto e suas técnicas, que exigem um refinamento da noção de padrão de assentamento: no campo antropológico, histórico ou arqueológico.

O agenciamento de um espaço depende diretamente do controle e da defesa do mesmo, pelo grupo cultural que o utiliza, frente às pressões populacionais externas. Dessa maneira, quando observado em sua realidade material, o padrão de assentamento de um grupo, apresenta-se constituído através de uma relação de tensão e de tomadas de decisões, considerando tanto as variáveis não culturais, como as variáveis culturais. Assim, o que existe de fato é uma sobreposição de territórios, com o estabelecimento de fronteiras mal definidas, que são defendidas e/ou utilizadas em diferentes períodos do ano, por grupos culturais que concorrem pelos mesmos recursos disponíveis. Dessa forma, o conceito de território de domínio tribal, que evoca uma ideia de limites bem definidos, não se mostra aplicável arqueologicamente. Assim, propõe-se a remodelação do conceito em **domínio de uso territorial**, o qual por sua vez reflete melhor a realidade espacial dos agrupamentos pré-históricos.

Os estudos espaciais demonstram a fragilidade do uso arqueológico de conceitos como **sedentarismo** e **nomadismo**, na classificação dos grupos pré-históricos. A utilização de um conceito cíclico de deslocamento anual, ao longo de um território definido, tem demonstrado que, tanto os grupos tribais como os grupos caçador-coletores, caracterizam-se pelo uso de um vasto território, manejado no decorrer das estações climáticas, de acordo com a disponibilidade de recursos (Noelli, 1993).

A visão de grupos agricultores sedentários, em oposição a grupos de caçador-coletores nômades (Service, 1971), tem sido colocada em dúvida, já que a mobilidade territorial é um fator determinante para a sobrevivência de ambos os tipos de cultura. Logo, foi definido um pressuposto que guiou as análises: no Nordeste brasileiro, as culturas devem preferencialmente ser classificadas como **seminômades** ou **semisedentárias**<sup>ii</sup>. Assim, o deslocamento espacial, em um território amplo e com fronteiras mal definidas, seria uma característica básica da adaptação cultural dos grupos pré-históricos nordestinos.

Os Tarairiú foram descritos em vários relatos como grupos sem acampamento fixo e com economia baseada na caça e na coleta. A observação dessa documentação permite vislumbrar um padrão de deslocamento estável, ao longo de um território manejado, que relaciona o padrão de assentamento desta cultura com o conceito de território de domínio tribal,

mais utilizado para a classificação de grupos ceramistas e horticultores, aqui denominado de domínio de uso territorial.

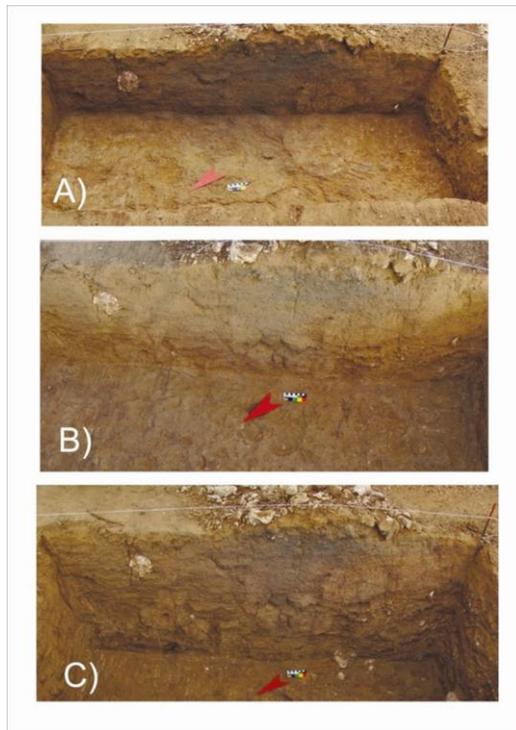
## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A possibilidade de perturbação dos níveis arqueológicos evidenciados no sítio Furna do Umbuzeiro levou a necessidade de definição da crono-estratigrafia do pacote sedimentar escavado<sup>iii</sup>. Os dados obtidos demonstraram que a área de ocupação preferencial consistia na porção central do abrigo, com uma baixa densidade de vestígios nos setores próximos da parede do abrigo e fora da linha de chuva.

Outro fator relevante, que pode contribuir na caracterização da periodicidade de ocupação e no padrão de assentamento identificado, foi também observado após a realização das intervenções arqueológicas. Dependendo dos meses, época seca ou chuvosa, a incidência solar não se projetava da mesma forma sobre a porção habitável do abrigo. Isto fortalece a proposição de que a área arqueológica do Seridó – no período de  $\pm 1300$  A. P. a  $\pm 3700$  A.P. – foi utilizada pelas populações pré-históricas, como um acampamento de inverno; compondo um domínio de uso territorial que se relaciona com as áreas de povoamento Tarairiú, descritas na documentação do século XVII (Laet, 1637; Marc Grave, 1638; Herckman, 1644; Baro, 1647; Barleus, 1647; Piso, 1658).

A definição crono-estratigráfica do sítio (Tabela 01), também permitiu definir um padrão cronológico, que aponta para um baixo índice de perturbação. Foi possível estabelecer um parâmetro cronológico, com um intervalo de aproximadamente 500 anos, para as estruturas e vestígios arqueológicos evidenciados. Logo, foi possível afirmar que as cronologias obtidas se correspondiam com um processo de deposição preservado.

Quanto à gênese da fogueira 1 do sítio Baixa do Umbuzeiro, foi possível determinar-se a origem antrópica. Apesar do alto índice de lixiviação do solo, produzido pela ação das águas pluviais, foi possível perceber duas camadas geológicas cortadas por uma cova semicircular de  $\pm 1$  m de diâmetro, por  $\pm 80$  cm de profundidade (figura 04).



**Figura 04:** Fogueira 1, decapagem 2 (A), decapagem 3 (B), decapagem 4 (C) – Vista geral – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Fotos do autor.

Duas interpretações podem ser sugeridas, para a relação espaço-temporal estabelecida entre os sítios. Devido à intensa e curta ação pluvial, a área caracteriza-se por um tipo de deposição negativa: pela perda de sedimentos neogênicos. Assim, é possível que os níveis de ocupações mais recentes, tenham sido carreados para o leito do Riacho das Areias.

Após a análise do material cerâmico, mediante as similaridades técnicas e formais, o conjunto foi considerado como pertencente ao mesmo horizonte cultural. As diferenças técnicas verificadas nos dois conjuntos se relacionam a diferenças funcionais do vasilhame. As relações entre pastas e tratamentos de superfície indicam que essa é uma explicação plausível. Já as similaridades tecnológicas e formais apresentadas inserem o universo analisado no horizonte cultural da cerâmica Pedra do Caboclo (Brochado, 1984), subtradição Papeba (Martin, 2008).

A cronologia estabelecida para o conjunto cerâmico foi obtida através da datação de estruturas de fogueiras escavadas no sítio Furna do Umbuzeiro, onde foi registrado um fragmento cerâmico *in situ*. A idade de  $\pm 2700$  A.P. proporcionou um recuo no registro da tecnologia cerâmica no Seridó de quase mil anos (Martin, 2008). Este fator aponta para uma

interiorização do surgimento das cerâmicas regionais na América do Sul e para datas mais antigas do que as postuladas (Brochado, 1984).

Quanto ao material lítico do abrigo, foi registrada uma baixa densidade, caracterizado por raros fragmentos antrópicos: (1) lasca de debitage, (2) matéria-prima exógena sem marcas de lascamento antrópica, (3) matéria-prima endógena, (4) ausência de artefatos. A maioria dos vestígios líticos caracterizava-se como fragmentos sem marcas de debitage que delimitavam as estruturas de combustão.

O sítio Baixa do Umbuzeiro apresentou uma maior densidade de vestígios líticos, em comparação com o material cerâmico. Foram registradas tanto lascas de debitage, como artefatos líticos, distribuídos em todo o perímetro percorrido.

O material ósseo humano identificado no abrigo consistia em fragmentos menores ou iguais a 5 cm, com nítidas marcas de queima. Estes fragmentos não foram coletados em covas funerárias. Foram evidenciados em associação com restos ósseos faunísticos, no interior ou na base das estruturas de combustão. Foram identificados apenas onze (11) fragmentos ósseos humanos. As formas anatômicas reconhecidas foram: (1) fragmentos de costela; (2) fragmento de diáfise do rádio; (3) diáfise de metacarpo; (4) fragmentos de crânio; (5) cinco fragmentos ósseos não identificados.

A idade de  $2666 \pm 30$  A.P. e a situação estratigráfica conservada permitiram relacionar esses vestígios a uma prática funerária, registrada na região e associada a um grupo étnico bem definido cronológica e culturalmente: os Tarairiú (Borges, 2008).

Os restos vegetais evidenciados no abrigo apresentaram evidências de manipulação antrópica, sugerindo a existência de uma estrutura construída com matéria-prima vegetal. Contudo, seu avançado estado de deterioração, não permitiu qualquer identificação objetiva. Pode ser verificada, uma lente de  $\pm 15$  cm de restos vegetais, onde foram encontrados fragmentos de cordéis e vestígios de cestaria.

Como poucas estruturas associadas à estrutura de restos vegetais apresentaram condições para fornecer datações, a idade desses vestígios foi estimada a partir da datação de fogueiras evidenciadas em outras decapagens: no intervalo de 1800 A.P. a 2000 A.P.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi comprovada a hipótese de uma relação espaço-temporal entre as duas ocupações. As cronologias de  $3630 \pm 32$  A.P. – Furna do Umbuzeiro – e  $3760 \pm 811$  A.P. – Baixa do Umbuzeiro – relacionam os últimos níveis datados do abrigo sob-rocha com a estrutura de combustão do

terraço fluvial. A distribuição diferenciada dos vestígios líticos e cerâmicos aponta para funcionalidades distintas entre os dois assentamentos: (1) o sítio a céu aberto, um acampamento temporário utilizado para a confecção de artefatos líticos e (2) o sítio em abrigo, preparação de alimentos e, possivelmente, práticas funerárias endocanibais.

Além de confirmar a hipótese de um assentamento do tipo habitacional, estes dados permitem relacionar a cultura material evidenciada aos grupos etnohistóricos do Seridó: os Tarairiú. Esta interpretação é reforçada pela presença de fragmentos ósseos humanos, em contextos não funerários, aqui identificados como vestígios de endocanibalismo. Nesse sentido, pode ser dito que ambos os sítios compõem um componente cultural, definido com melhor clareza no sítio em abrigo. Este último se caracterizou pela presença de reocupações sazonais e sucessivas. Foi também observado que esta sazonalidade pode ter obedecido ao regime pluviométrico configurado a partir do Holoceno Médio. Logo, a relação espaço-temporal estabelecida permitiu definir um padrão de assentamento habitacional sazonal, que pode estar relacionado a um horizonte cultural comum, o qual foi registrado no século XVII.

A preservação estratigráfica dos níveis escavados permitiu verificar uma deposição primária para os fragmentos ósseos humanos identificados. Este fato aponta para a possibilidade do registro de uma prática funerária endocanibal. A associação comprovada entre restos faunísticos e humanos, em estruturas de combustão, sugere uma função crematória para as estruturas de combustão evidenciadas. Isto reforça a hipótese proposta: a identificação de uma tradição arqueológica Tarairiú.

## **AGRADECIMENTOS**

Resumo expandido da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia da UFPE, em 2010, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Gabriela MartinAvila, com o apoio financeiro do CNPq.

***Fábio Mafra***

***Professor adjunto do CERES, Campus de Caicó,***

***Universidade Federal do Rio Grande do Norte***

***fabiofra@gmail.com***

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Valéria S. 1996. **Da Espacialidade Tupinambá**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS.
- BINFORD, Lewis. Smudge Pits And Hide Smoking: The Use Of Analogy In Archaeological Reasoning. In: **American Antiquity**, v. 32, n. 1, pp. 33-51. 1967. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/278774>
- BORGES, Fabio Mafra. 2008. Endocanibalismo Na Área Arqueológica Do Seridó. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 1, n. 23, pp. 18-35. Recife: Editora Universitária UFPE.
- \_\_\_\_\_. 2005. **Marim dos Caeté: Caracterização Histórico-Arqueológica do Sítio do Campo, Paulista – PE** (Séculos XVII E XVIII).Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.
- BROCHADO, José Proenza. 1984. **An Ecological Model of The Spread of Pottery And Agriculture Into Eastern South America**. Tese de Doutorado. Urbana: University of Illinois at Urbana-Champaign.
- DECAMP, Elise. **Julian Steward**. 2010. Disponível em: [http://www.indiana.edu/~wanthro/theory\\_pages/Steward.htm](http://www.indiana.edu/~wanthro/theory_pages/Steward.htm)
- LOPES, Fátima Martins. 1999. **Missões Religiosas: Índios, Colonos e Missionários na Colonização do Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.
- MARTIN, Gabriela. 2008. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- MARTIN, Gabriela; BORGES, Fabio Mafra; SENA, Vivian Karla de; SALDANHA, Rafael S. Medeiros; ALMEIDA, Marcellus; NOGUEIRA, Mônica A. Araújo; BARBOSA, Caio C. Araújo. 2008. Levantamento Arqueológico Na Área Arqueológica Do Seridó – Rio Grande do Norte – Brasil: Nota Prévia. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 2, n. 23. Recife: Editora Universitária UFPE.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. 1984. **Índios do Açu e Seridó**. Brasília: Editora do Senado.
- MUTZENBERG, Demétrio da S. 2007. **Gênese e Ocupação Pré-histórica do Sítio Arqueológico Pedra do Alexandre: Uma Abordagem a Partir da Caracterização Paleoambiental do Vale do Rio Carnaúba – RN**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.
- NOELLI, Francisco S. 1993. **Sem Tekohá Não Há Tekó (Em Busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí – RS)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS.
- \_\_\_\_\_. 1998 (a). Settlement Patterns And Environmental Changes In Human Occupation On The Left Bank Of The Paraná River (Paraná State, Brazil). In: **Antiquity**.
- \_\_\_\_\_. 1998 (b).The Tupi: Explaining Origin And Expansions In Terms Of Archaeology And Of Historical Linguistics.In: **Special Section: Issues in Brazilian Archaeology**. In: **Antiquity**.

- PIRES, M<sup>a</sup> Idalina da Cruz. 2002. **A Guerra dos Bárbaros: Resistência e Conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: Editora Universitária UFPE.
- POMPA, Cristina. 2003. **Religião Como Tradução: Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial**. Bauru: EDUSC.
- PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. 1967. Resultados Preliminares Do Primeiro Ano 1965-1966. In: **Publicações Avulsas**, n. 6. Belém.
- PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. 1969. Resultados Preliminares Do Segundo Ano: 1966-1967. In: **Publicações Avulsas**, n. 10. Belém.
- PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. 1971. Resultados Preliminares Do Terceiro Ano: 1967-1968. In: **Publicações Avulsas**. Belém.
- PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. 1973. Resultados Preliminares Do Quarto Ano: 1968-1969. In: **Publicações Avulsas**. Belém.
- PUNTONI, Pedro. 1998. **A Guerra dos Bárbaros: Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- SANDERS, W. T.; MARINO, J. 1971. **Pré-história do Novo Mundo: Arqueologia do Índio Americano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. 2008. **Os Índios Tapuias do Rio Grande do Norte: Antepassados Esquecidos**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado.
- SCATAMACCHIA, M<sup>a</sup> Cristina Mineiro. 1990. **A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul Evidenciada pela Ocupação Guarani e Tupinambá: Fontes Arqueológicas e Etno-históricas**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- \_\_\_\_\_. 1981. **Tentativa de Caracterização da Tradição Tupiguarani**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- SERVICE, Elman R. 1971. **Os Caçadores**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- TRIGGER, Bruce G. 2004. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora.
- URBAN, Greg. 1998. A História Da Cultura Brasileira Segundo As Línguas Nativas. In: CUNHA, M<sup>a</sup> C. da (org.). **História Dos Índios Do Brasil**, pp. 87-102. São Paulo: Cia. das Letras.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Padrão de assentamento consiste na maneira como o Homem “acomoda-se” (*disposed*) na paisagem em que vive. Está relacionado com o tipo de moradia e sua organização, natureza e disposição de outras construções. Reflete o meio-ambiente e o nível tecnológico de seus construtores e várias instituições e interações sociais e controles que mantêm a cultura (Willey, 1953, *apud* Scatamacchia, 1981).

<sup>ii</sup> Estes conceitos são a síntese dos conceitos de sedentarismo e nomadismo, encerrando a duplicidade do deslocamento espacial. Parte-se do pressuposto que a dicotomia sedentário-nômade não condiz com a realidade dos agrupamentos pré-históricos, sejam eles agricultores ou caçador-coletores.

---

<sup>iii</sup> Para maiores informações sobre as intervenções arqueológicas realizadas, consultar a tese de doutoramento do autor.